

1. Oswaldo Giacoia (Unicamp)

- O que você pensa a respeito da pesquisa Nietzsche internacional e no Brasil?

Olha, eu acho que a pesquisa-Nietzsche no mundo todo é um ponto muito forte da filosofia contemporânea. Ela tem, digamos assim, um momento muito importante, decisivo, que é os anos 70 (o final dos anos 70), quando então começa a aparecer a edição crítica dos escritos do Nietzsche (a edição histórico-crítico-filológico do Montinari e do Colli) e a partir daí surgem, então, novas pesquisas sobre uma nova edição da obra de Nietzsche que representa um divisor de águas e um salto qualitativo em relação a tudo aquilo que foram as publicações dos textos de Nietzsche anteriores.

Daí surgem, por exemplo, os *Nietzsche-Studien*, que é um outro marco, decisivo para a pesquisa e até hoje continua sendo o grande anuário de referência da pesquisa internacional sobre Nietzsche; a pesquisa-Nietzsche floresce, então, e surgem obras de grande densidade. Como a obra do Müller-Lauter, por exemplo, como a obra do Stegmaier, que está aqui entre nós, como a obra do Volker Gerhardt, como a obra, por exemplo, do Günter Abel, como a obra de Chart, por exemplo – só para citar alguns nomes. Do Walter Kaufmann, que praticamente abre um horizonte completamente novo para a interpretação anglo-saxônica do pensamento do Nietzsche. E um outro momento importante, que nós estamos vivendo exatamente agora, é aquele que vem à luz com esta nova edição dos textos de Nietzsche, essa edição fac-similar, que está ainda em curso de publicação, em que os textos de Nietzsche são reproduzidos exatamente como eles se encontram nos seus escritos. Não é feita nenhuma seleção prévia, como foi o caso da seleção feita pelo Montinari – que realmente foi um avanço extraordinário, mas que não reproduz *ipsis litteris*, digamos assim, aquilo que o Nietzsche escreveu nos seus originais, nos seus manuscritos. Esta edição já pode detectar algumas correções importantes na interpretação da obra do Nietzsche, alguns problemas

graves de decifração dos manuscritos, que estão sendo corrigidos graças à interpretação auxiliada pelos meios mais refinados tecnológicos, de ciências da computação etc. e que já apontam alguma necessidade de revisão de alguns pontos da edição histórico-crítica lá do final dos anos 60, início dos anos 70. Isso, de um lado, né. De outro lado, também, essa nova edição da obra do Nietzsche levanta problemas que nascem justamente da contraposição das duas edições e que são problemas da maior importância. Por exemplo, o que é que nós podemos considerar um texto de Nietzsche? Será que o texto de Nietzsche é o texto que o Nietzsche publicou? É o texto dos fragmentos póstumos tais como eles foram editados pela edição Colli-Montinari? Ou é esse texto que o Nietzsche escreveu e riscou? O que é que é, afinal, um texto? Essa é uma pergunta filosófica que todo aquele que se ocupa com o pensamento de Nietzsche tem de enfrentar hoje. Então, eu creio que nós estamos num momento muito especial da pesquisa sobre Nietzsche e, no Brasil, por sorte – por sorte –, nós temos, assim, uma condição de nos beneficiar desse desenvolvimento precisamente no momento em que a pesquisa-Nietzsche, no Brasil, se internacionaliza; e que o intercâmbio da pesquisa-Nietzsche, no Brasil, se faz agora em várias frentes. Não mais, unicamente, com a França, ou com a Alemanha, ou com a Itália, ou com a Inglaterra, mas com todo esse conjunto enorme de trabalhos a respeito da obra do Nietzsche que é feito nos quatro cantos do mundo. E acho que a pesquisa no Brasil evoluiu a tal ponto de você ver, por exemplo, como os americanos vêm pra cá, como os franceses vêm pra cá, como os alemães vêm pra cá e dizem: “nossa, mas isso é uma coisa tão forte aqui, tão viva, tão” – digamos – “intensa, que assim não é no nosso país”. Então, parece que agora o Brasil realmente se tornou um interlocutor – não vou dizer, assim, absolutamente vanguardista; mas um interlocutor sério e que está a altura da discussão internacional.

2. **Werner Stegmaier** (Ernst-Moritz-Arndt-Universität Greifswald)

Nietzsche, I think, it be philosopher whom always new generations, when rate, they wants to read him, do know more about him, since 125 years, all over the world, in Asia, Africa, America, and so on. And there are a lot of meetings and conferences; more, I think, then for any other philosopher in the history, and now – second half of your question – now, just Brazilian’s Nietzsche research is going up to a very new height. They are a lot of professorships in Brazil (in Germany is not possible to get a professorship for nietzschean

philosophy only, but here it is possible). These young professors' pupils of Oswaldo Giacoia, have such professorships. So, maybe, Brazilian could be the new land for new and forthcoming, forthcoming, Nietzsche's research. I think so. It's very fine to see them and some of the... [- but what about the quality of their works?] First, every new country, every new generation have to learn from the others. So, Brazilian is now learning just a lot but there are some new subjects, new ideas, new ways we must see, we must conceive that what is happening now. It is not clear just now, but there is a very broad research now and I'm really sure that, in their short time, there will be new questions coming just from Brazilian.